

AGRICULTURA URBANA ENTRE NECESSIDADE E UTOPIA: EXPERIÊNCIAS PAULISTANAS

Júlio César Suzuki

Universidade de São Paulo
jcsuzuki@usp.br

Vincent Berdoulay

Université de Pau et des Pays de l'Adour
vincent.berdoulay@univ-pau.fr

Agricultura urbana entre necessidade e utopia: experiências paulistanas (Resumo)

A agricultura, durante longo tempo, fez parte, em pequenas áreas, da tessitura das cidades. Tomando como referência a cidade de São Paulo, pretendemos analisar a prática da agricultura urbana, nas duas últimas décadas, como um movimento que supera os limites do seu significado produtivo e alcança os limiares da construção de uma utopia urbana, em que a defesa da biodiversidade toma novos contornos na capital paulistana. Além de práticas antigas de cultivo, na cidade de São Paulo, algumas associações iniciam, há alguns poucos anos, a realização da agricultura urbana, como é o caso do Movimento de Agroecologia de São Paulo, na perspectiva de uma nova utopia, em que a produção de alimentos sem uso de insumos químicos é um dos seus sentidos. A agricultura urbana corresponde a uma utopia que paradoxalmente mobiliza uma abordagem heterotópica.

Palavras chave: agricultura urbana, utopia, São Paulo.

Urban agriculture between necessity and utopia: experiences in São Paulo (Abstract)

For a long time, cities included limited areas, which were dedicated to agriculture. Using the example of the city of Sao Paulo, we analyse the practice of urban agriculture during the last couple of decades as a movement which goes beyond its productive justification, and is getting close to the construction of an urban utopia, in which the promotion of biodiversity is taking new meanings in the *paulistana* metropolis. In recent years, there are, in addition to the presence of traditional agricultural practices, various associations, such as the Movimento de Agroecologia de São Paulo, which are initiating an urban agriculture within the perspective of a new utopia, having the production of food without using chemical products as one of its goals. Then, urban agriculture is taking the form of a utopia, which paradoxically is resting on an heterotopic approach.

Key words: urban agriculture, utopia, São Paulo.

A agricultura, durante longo tempo, fez parte, em pequenas áreas, da tessitura das cidades. No entanto, a aceleração da expansão urbana, com intensificação do mercado imobiliário, contribuiu para que as práticas de cultivo fossem sendo, cada vez mais, direcionadas para fora delas, o que tornou extremamente importante a organização de movimentos militantes de renovação dos espaços urbanos degradados a partir da constituição de jardins e hortas. No contexto do ativismo dos anos 1960, nos Estados Unidos, o movimento de *Green Guerillas*¹ ou do People's Park, na Califórnia, conduziram à criação, em Nova York, em 1973, com Liz Christy e seus *gardening activists*², de um “jardim comunitário”, em que a justificativa tanto ecológica quanto social foi bem articulada, iniciando uma série de fundações de jardins análogos nesta cidade e em outros lugares. Foi, então, uma semente importante para o desenvolvimento do que se reconhece, contemporaneamente, como agricultura urbana. Este aspecto militante chamou a atenção para várias formas, muitas vezes antigas, de jardins coletivos, tais como jardins operários (“jardins ouvriers”) que datam do século XIX ou, mais recentemente, os jardins familiares, os jardins de inserção, os jardins compartilhados, bem como os pedagógicos ou, ainda, os terapêuticos, que participam, agora, do mesmo ímpeto.

A agricultura urbana – definida a partir de sua localização (realizada sobre o “território urbano”), da atividade em si mesmo (produção alimentar ou outra), de sua razão econômica (entradas para os agricultores) e de sua inclusão no sistema alimentar convencional ou num sistema alternativo³ – apresenta inúmeras faces, como a de significado econômico para os agricultores, mas, também, a de apontar para a construção de *outra* cidade, em que a preservação e a restauração da biodiversidade estejam mais presentes⁴.

Discutida por inúmeros autores, em que a dimensão ecológica de um novo urbanismo se sobressai⁵, a agricultura urbana tem sido bastante analisada em sua dimensão produtiva⁶, mas, também, em sua perspectiva artística, como se expressa na obra *Ma ville en vert*⁷. Todos estes estudos, como outros ainda, combinam-se para demonstrar que a agricultura urbana é caracterizada pela plurifuncionalidade. Mas ela continua a ser, sobretudo, avaliada em relação à sua dimensão produtiva e suas gradações de presença no espaço urbano contemporâneo, negligenciando as problemáticas teóricas ligadas à história das ideias e a abordagem geográfica.

Tomando como referência a cidade de São Paulo, com base em revisão bibliográfica e trabalhos de campo, com entrevistas, produção de séries fotográficas e mapeamentos, pretendemos analisar a prática da agricultura urbana, nas duas últimas décadas, como um movimento que supera os limites do seu significado produtivo e que implica mudanças importantes na relação humana com o espaço urbano. Tomando como pano de fundo a preocupação urbanística antiga pela articulação da cidade com a natureza⁸, pretendemos, ainda, explorar como a agricultura urbana em São Paulo esta alcançando

¹ <<http://www.greenguerillas.org>>. Acesso, em 07/01/2016.

² Ativistas de jardinagem.

³ Duchemin, 2015.

⁴ Pays, 2015.

⁵ Haëntjeans e Lemoine, 2015; Chomarar-Ruiz, 2014; Hajek, Hamman e Lévy, 2015; Terrin, 2013.

⁶ Donadieu, 1998; Duchemin, 2013.

⁷ Klanten, Ehmann e Bolhöfer, 2011.

⁸ (Capel, 2003 ; Berdoulay e Soubeyran, 2002; Hajek *et alii*, 2011),

os limiares da construção de uma utopia urbana, em que a defesa do verde e da biodiversidade toma novos contornos na capital paulistana, sendo que a interrogação sobre o seu caráter utópico é também a ocasião para se interrogar sobre o novo sentido que a ideia de utopia pode tomar nos nossos dias.

Rumo a uma nova utopia?

São Paulo é a cidade com a maior concentração demográfica da América do Sul, alcançando, aproximadamente, 12 milhões de habitantes, em 2015, conforme estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁹. No entanto, ainda, mantém sistemas de cultivo e criatórios em seu interior e em suas bordas, sobretudo na porção sul e leste do município.

Na porção sul da municipalidade de São Paulo, sobretudo por conta das restrições ambientais que dificultam a expansão urbana em áreas de mananciais, houve importante manutenção de áreas com vegetação original ou secundária, bem como pequenas extensões de terra com cultivos alimentares¹⁰.

A pesquisa de Ibirá Perruci Toledo Machado¹¹, que tomou como referência a área de urbanização concentrada da municipalidade de São Paulo (em 5 casos exemplares, conforme se percebe na figura 1, dos quais faremos referência a três em particular, por conta de seu significado ímpar para o debate que realizamos), permite identificar sistemas de cultivo e criatórios bastante distintos. Por um lado, há casos incentivados pela Prefeitura do Município de São Paulo, junto ao Programa de Agricultura Urbana e Periurbana (Proaurp), iniciado em 2004, no governo de Marta Suplicy (gestão de 2001 a 2004), com os objetivos de combater a fome, promover a inclusão social, reduzir o custo do acesso ao alimento para os consumidores de baixa renda e incentivar a geração de emprego e renda, a agricultura familiar, a produção para o autoconsumo, o associativismo, o agroecoturismo e a venda direta do produtor¹², cujos resultados foram bastante profícuos até 2005, quando o programa entra em retração. Por outro, podemos identificar práticas de cultivo e de criação de pequenos rebanhos, desenvolvidas sem apoio governamental e conduzidas sob os linhões de alta tensão de energia elétrica, em terrenos baldios, gerados pelo Estado, mesmo sem a existência de uma política de concessão e uso do solo, e nos quintais residenciais, geralmente, por imigrantes nordestinos (Figura 1).

Vemos, então, que a agricultura urbana, apoiada ou não pelas políticas públicas, implica relações muito diversas com o espaço. Colocamo-nos, assim, a questão de saber si esta diversidade elimina todo caráter utópico no fenômeno da agricultura urbana. Em efeito, a utopia se caracteriza por uma noção de espaço uniforme, fechado, isotrópico; uma extensão sem qualidade, sem um verdadeiro lugar. Desde a Antiguidade grega, mas sobretudo com o Renascimento, o pensamento utópico clássico refere-se a uma visão de sociedade ideal, congelada num espaço em que o arranjo é também ideal. O espaço

⁹ <http://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 07/01/2016.

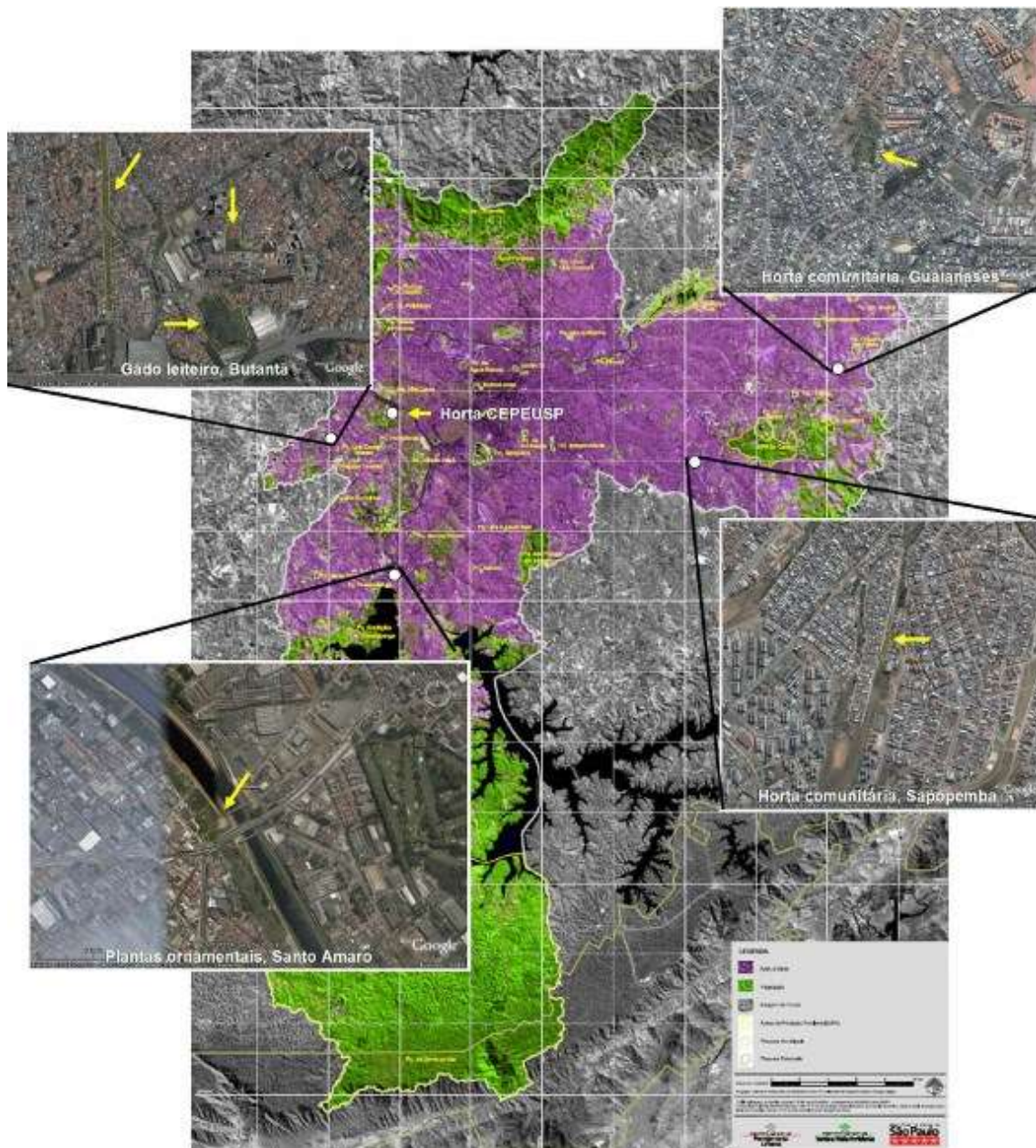
¹⁰ É o que ficou bastante expressivo nos trabalhos de campo e nas análises de Evandro Noro Fernandes (2008) e Giancarlo Livman Frabetti (2008).

¹¹ Machado, 2007.

¹² Lei nº 13.727, de 12 de janeiro de 2004. <http://www3.prefeitura.sp.gov.br/>. Acesso em 07/01/2016.

planificado é tão estático quanto a sociedade. Assim, a utopia clássica se inscreve numa uchronia, em que o tempo é fixo. Antes de ser desenhado pelos contornos da sociedade ideal, o espaço é abstrato, como nesta ilha seguida da imaginação de Thomas More. Mas é a uniformidade do espaço que permite projetar e garantir (fixar) o espaço ideal da cidade imaginada. O espaço deve, de início, ser uniforme para que seu planejamento condicione a sociedade. Não é difícil então de conferir um caráter de utopia a uma agricultura urbana que tenha em conta a variedade de contextos geográficos?

Figura 1. Localização de práticas de agricultura urbana na metrópole de São Paulo (2007)



Fonte: SVMMA, Atlas Ambiental do Município de São Paulo, 2004. Google Earth, 2007 *apud* Machado (2007).

Mas é necessário remarcar que a utopia tomou um sentido diferente desde o século XVIII e, sobretudo, o XIX. Trata-se de um utopismo moderno, frequentemente de inspiração socialista, que visa não espaços imaginários, mas a vasta extensão dos Estados ou Nações modernas. Sua preocupação dominante é o tempo, ou seja, a concepção das etapas pelas quais se pode aproximar da sociedade ideal. Consequentemente, o espaço perde seu status preeminente, exceto no nível local para encorajar a vida comunitária tão frequentemente sonhada pelos utopistas da época, veja para facilitar a vigilância dos comportamentos em acordo com o ideal esperado. O modernismo deste utopismo faz com que o espaço deixe livre curso ao projeto social: é a ideia de fazer tábula rasa das particularidades do meio que serviu de fundamento ao urbanismo modernista. Mais uma vez, o espaço concreto não estabelece um bom relacionamento com o pensamento utopista.

Não é necessário, todas as vezes, desejar uma mutação recente da utopia? Como sempre avançado no pós-modernismo, o espaço, em detrimento do tempo, novamente transformado numa categoria essencial de inteligibilidade do mundo e de nossa ação sobre ele¹³. Sem necessariamente fechar-se na ideologia pós-modernista, constata-se, de fato, hoje, uma valorização das diferenças espaciais, da diversidade de ambientes, e as possibilidades de desenvolvimento oferecidas por contextos geográficos diferentes. O elo íntimo tecido entre o sujeito e o lugar torna-se uma problemática da sociedade e atrai a atenção dos pesquisadores. Trata-se de um pensamento que se poderia nomear heterotópico, no sentido que insiste sobre os lugares e não sobre um espaço sem qualidades. Diz-se que o pensamento utópico seria ausente? Não necessariamente se se considera que a lógica utópica solicita o espaço como operador da transformação da sociedade e que ela age por intermédio do lugar. Remarca-se que esta defesa da heterogeneidade, passando frequentemente pelos elementos nostálgicos para o local, a comunidade ou o rural, pode ser qualificado ela mesma de utópica pelos seus detratores. Mas é, sobretudo, interessante notar que a ideia de lugar – em oposição a de espaço – implica uma relação direta com a subjetividade do indivíduo e ao seu desejo de ser autor de sua própria vida. Ensaando de ser autônomo e ativo, este indivíduo-sujeito revela as possibilidades do ambiente no mesmo tempo que ele o modifica e que se modifica a si mesmo¹⁴. A diferença com a noção de espaço, tal como é compreendida aqui, é que esta de lugar refere-se a uma relação com o sujeito, reforçando também a diferenciação espacial.

Se existe ou se desenha uma utopia pós ou neomoderna hoje, podem-se detectar os seus aspectos na agricultura urbana atual? Para melhor responder a esta questão é bom se concentrar sobre a maneira pela qual os sujeitos a vivem e a constroem. Três casos são então aprofundados: Marcos Ferreira, Robson de Souza e Maria de Melo.

A fabricação de novas relações com o lugar

Maria de Melo, do Núcleo de Agricultura Urbana–Sapopemba, é natural de Alagoinhas, interior de Pernambuco, onde sua família possuía propriedade rural, produzindo alimentos para a subsistência, além do trabalho em propriedades da região, nas quais participavam da colheita do tomate, goiaba, caju e mandioca. Após seu casamento, aos

¹³ Soja, 1989.

¹⁴ Berdoulay e Entrikin, 1998.

21 anos, migrou, diretamente para São Paulo, tendo sido contratada, como assalariada, no bairro A. E. Carvalho, por Hans Temp, coordenador da ONG Cidades Sem Fome – responsável por alguns dos núcleos de agricultura urbana da metrópole –, com o objetivo de multiplicar as práticas propostas pela ONG no que se refere à produção de hortas comunitárias. Ela acredita na possibilidade de realização da agricultura na metrópole, mesmo que tal atividade signifique muito esforço e trabalho:

“É isso, é trazer a horta na cidade! Pra mim é muito importante, porque deveria muitas pessoas fazer isso. Porque São Paulo é rico, tem muita terra, moço, se todo mundo pensasse assim, eu vou fazer, plantar um pedaço de terra pequenininho, dá. Não tem terra dura, não tem terra mole. Você tem que fazer. Se você disser, vou plantar e vou colher, você colhe.” (Entrevista realizada com Maria de Melo, por Ibirá Machado, em 05/09/07).

Além das práticas rurais dos núcleos de agricultura urbana, há criação de gado *vacum* no interior da metrópole, conforme se verifica pela atividade de **Robson de Souza**, natural de Feira de Santana, interior da Bahia. Ele nasceu numa fazenda pertencente à sua família, tendo participado da lida com o gado juntamente com o pai e os irmãos. Na metrópole, cria cerca de vinte cabeças de gado leiteiro, no extremo oeste do bairro Butantã, no trecho conhecido como Jardim Esmeralda.

Ibirá Perrucci Toledo Machado¹⁵ relata um pouco dos procedimentos utilizados por Robson de Souza para iniciar a criação de gado:

(...) À sua volta observava três grandes terrenos vazios que não tinham nenhuma função além de juntar mato, lixo e refúgios para atividades ilícitas; a exceção ficava com as faixas por que passam as torres de alta tensão da Eletropaulo.

Finalmente, há pouco mais de dez anos, teve a idéia de comprar uma vaca para criar no terreno da Eletropaulo, que por sinal é mais larga que as faixas comuns, já que nela passam, na verdade, duas linhas de torres paralelas. Queria apenas unir o útil ao agradável, aproveitando o terreno ao lado de sua casa com uma vaca que poderia oferecer-lhe um pouco de leite. No entanto, percebeu que a idéia era de fato boa e, pouco a pouco, foi comprando mais vacas.

Nesse meio tempo, soube que deveria ter um documento da Eletropaulo que lhe desse a concessão de uso da área. Sendo assim, Robson reuniu os documentos necessários, que nada mais são que comprovante de residência, RG e CPF, recebeu a visita de um técnico da empresa de distribuição elétrica que verificou o local e as condições, e finalmente recebeu o documento de concessão. Esse documento dá a ele uma concessão de cinco anos de uso da área determinada, sendo renovável enquanto ele tiver o interesse e o cuidado com uso.

No entanto, conforme ele foi adquirindo mais cabeças de gado, percebeu que a faixa da Eletropaulo em que ele tinha acesso não ofereceria pasto suficiente aos seus animais. Assim, conseguiu conversar com o dono de dois dos três grandes terrenos que havia ali perto, conseguindo o consentimento para que ele pudesse utilizá-los como pasto. O terceiro terreno era aberto e, portanto, ele passou a utilizar sem pedir a ninguém. Foi dessa maneira que então ele atingiu as 22 cabeças de gado leiteiro, entre animais comprados e nascidos ali mesmo, estruturou um pequeno curral onde todas as manhãs vai tirar leite, e fez de sua casa um entreposto.

Casado e com um filho apenas, Robson percebeu que com a confiança da comunidade poderia criar uma rede de clientes fixos para vender o leite e o iogurte que fabricava em casa, com a ajuda da esposa, e assim sustentar a família independentemente das oscilações do mercado de trabalho.

¹⁵ Machado, 2007.

Surpreendentemente, Robson tira hoje em dia cerca de R\$600,00 por mês só com a venda do leite, suficiente para sustentar sua casa. Hora ou outra vende algum animal para um abatedor próximo a Jundiá, além de fazer bico de pintor quando encontra oportunidade¹⁶.

Robson, além da criação de gado, realiza cultivo de milho, para consumo da família, em área de maior declividade, pertencente à Eletropaulo, em trecho inadequado para o gado *vacum*.

Outra prática rural, realizada na metrópole, é a de cultivo de plantas ornamentais, junto à Ponte João Dias, na Marginal Pinheiros, em Santo Amaro, Zona Sul de São Paulo por **Marcos Ferreira**, sendo que a área utilizada, também como ocorre com Robson de Souza, está sob linhas de alta tensão da Eletropaulo. Marcos é de origem rural, natural de Riquié, interior da Bahia:

Marcos conta que deixou toda a família há cerca de dez em Riquié, na Bahia, onde trabalhavam na lavoura como meeiros de outro proprietário. A família dele permaneceu ali, onde compraram um sítio, pouco tempo depois de ele ter vindo para São Paulo, e hoje o pai planta hortaliças. Os irmãos, apesar de por vezes ajudarem o pai, ganham dinheiro com a mecânica de motos que abriram juntos.

Querendo uma vida melhor, pensou que São Paulo pudesse dar-lhe oportunidades. Diz que até agora não se arrependeu, já que assim que chegou conseguiu emprego numa metalúrgica e, ao sair, imediatamente conseguiu começar a trabalhar com jardinagem, em uma loja especializada com isso no Morumbi. Com esse emprego, conheceu uma pessoa que possuía a concessão de uso da área em que hoje ele ocupa com o plantio de plantas ornamentais, sob linhões de eletricidade, mas que na época ficava por conta desse amigo. Mas há cerca de um ano, essa pessoa teve que deixar o cuidado dessa área para passar a cuidar de uma filial da loja em que Marcos trabalha, oferecendo a ele a concessão do terreno.

Marcos disse que achou a oportunidade muito boa, já que nunca deixou de gostar de mexer com a terra. Assim, imediatamente aceitou a proposta de cuidar do local. No entanto, Marcos revela que a função da área que cuida é muito mais simbólica que objetiva, ou seja, a produção de plantas é pequena em relação à demanda da loja com que é vinculado, e não há procura muito grande. Há, no terreno, uma pequena casa construída; embora a Eletropaulo proíba o uso de suas áreas para moradia, Marcos instalou ali uma geladeira, uma televisão e uma cama, mas diz que não costuma dormir ali – só de fim de semana. (...) Ele mora longe dali, no Jardim Miriam, próximo a Diadema¹⁷.

A área cultivada por **Marcos Ferreira** não apresenta muita densidade no seu uso para o plantio de plantas ornamentais, restando muita área ainda desocupada, mesmo que, também, realize a cultura de milho, mandioca e feijão.

A diversificação de culturas relaciona-se, diretamente, com a tradição camponesa da policultura, em que se intercalam espécies diferentes com tamanho e velocidade de maturação distintas.

A prática da diversificação de culturas de Marcos Ferreira e a recuperação de práticas rurais de Robson de Souza e Maria de Melo revelam o quanto de campesinidade foi reconstituída nas mediações com a metrópole de São Paulo, nos casos desses três migrantes nordestinos, mesmo que não sejam mais camponeses, recuperam traços de

¹⁶ Machado, 2007, p.88-9.

¹⁷ Machado, 2007, p.94-5.

suas mediações com um tempo cíclico da natureza, em que o *habitus* e o *ethos* de sua situação social de origem, ainda, estão presentes, sobretudo aqueles relativos à prática da agricultura e a moral camponesa.

Assim, tanto o primeiro, quanto o segundo conjunto de práticas agrícolas e criatórias, na cidade de São Paulo, apontam para o que estamos relacionando ao significado produtivo da realização da agricultura urbana, traduzindo, em grande medida, a recuperação de traços de campesinidade na interação com o mundo metropolitano, em que o tempo cíclico da natureza ainda está presente, mantendo muito da situação social de origem dos sujeitos que a produzem,

Os traços de campensinidade presentes nestes e em muitos outros sujeitos que realizam a prática da agricultura urbana na metrópole de São Paulo aparecem com contornos e intensidades distintas. Estas diferenças são ligadas à inventividade dos indivíduos que agem como sujeitos a fim de explorar os contextos locais e reorientar na mesma ocasião sua trajetória de vida.

Entre heterotopia e utopia

Diferente dos fundamentos que norteiam diversas outras atividades, sobretudo de cultivos, no espaço paulistano, como as inúmeras práticas que têm se desenvolvido nos últimos anos, fundadas, sobretudo, na produção de alimentos, ora para o consumo, ora para o mercado, há, sobretudo na última década, a organização de associações orientadas pela busca de outra cidade, em que seus habitantes possam dela melhor se apropriar.

No sentido de ocupar um espaço político, cultural e social de construção de outra forma de viver a cidade, o Movimento Urbano de Agroecologia de São Paulo (Muda SP)¹⁸, formado durante a Bienal de Arquitetura, em 2012, no Centro Cultural de São Paulo, foi criado com o objetivo de conectar pessoas, associações e movimentos no sentido de encorajar a produção de alimentos sem insumos químicos, ocupar os espaços públicos, ampliar o contato com a natureza e reestabelecer uma alimentação sadia e sem dejetos na metrópole de São Paulo.

O Movimento Urbano de Agroecologia de São Paulo (Muda SP) realizou, entre 12 e 16 de outubro de 2013, o seu primeiro encontro no Centro Cultural da capital paulista¹⁹, bem como implementa a rede *Cidades Comestíveis*, a partir da ação dos Hortelões Urbanos²⁰, cujo objetivo é “estimular uma rede colaborativa de compartilhamento de recursos, conhecimentos e trabalho entre pessoas interessadas em cultivar hortas comunitárias e caseiras”²¹.

A rede *Cidades Comestíveis*, a partir do apoio da Prefeitura Municipal de São Paulo, tornou, também, um projeto, em 6 de fevereiro de 2015 (figura 2), com múltiplas ações, como encontros, produção de alimentos saudáveis coletivamente, cursos de formação

¹⁸ <http://muda.org.br/sobre.html>. Acesso em 07/01/2016.

¹⁹ <https://www.facebook.com/events/664175080272761/>. Acesso em 07/01/2016.

²⁰ Grupo do Facebook que reúne 27.256 membros. <https://www.facebook.com/groups/horteloos/?fref=ts>. Acesso em 07/01/2016.

²¹ <http://www.cidadescomestiveis.org/>. Acesso em 07/01/2016.

(como o de *Ativismo e Políticas Públicas em Agricultura Urbana*, realizado entre 8 de abril e 9 de maio de 2015, no Centro Cultural de São Paulo, cujas informações gerais constam da figura 3), publicações de divulgação da agricultura urbana agroecológica etc.

Assim, há uma estreita relação entre os Hortelões Urbanos, com página no Facebook desde 2011, o Movimento Urbano de Agroecologia e a rede *Cidades Comestíveis*. Muitos dos integrantes do Muda começaram pela participação no grupo dos Hortelões Urbanos. Assim, vai se constituindo uma especialização da atuação no sentido de organizar ações que não estavam previstas, inicialmente, entre os Hortelões Urbanos, cuja proposta não era o de realizar, inclusive, hortas comunitárias.

Figura 2. Projeto *Cidades comestíveis*



Fonte: <<https://www.facebook.com/events/1552473004992383>> . Acesso em 07/01/2016.

Figura 3. Projeto *Cidades comestíveis*



Fonte: <<http://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/evento/17340>>. Acesso em 07/01/2016.

O Movimento Urbano de Agroecologia de São Paulo (Muda SP) produziu, ainda, uma plataforma²² (<http://www.cidadescomestiveis.org>), com participação coletiva, com a localização das hortas, de locais para compra de insumos para a produção agrícola, de restaurantes e de organizações relacionadas à agroecologia na cidade de São Paulo, conforme figura 4.

Figura 4. Página da internet com localização de hortas e espaços livres para novos cultivos – São Paulo (2015)



Fonte: <<http://www.huma.net.br/blog/post/semendo-novas-cidades>>. Acesso em 07/01/2016.

²² <<http://www.cidadescomestiveis.org>>. Acesso em 07/01/2016.

Os resultados da ação do MUDA são sensíveis na metrópole de São Paulo, em que a transformação do terraço superior do Centro Cultural de São Paulo é um exemplo primaz (figura 5), em que pesem as inúmeras atividades realizadas pelo movimento, no seio do projeto *Cidades Comestíveis*, como as já descritas, mas, também, a elaboração de uma cartilha, extremamente criativa, voltada, sobretudo para as crianças, com fotografias, desenhos, poemas e informações agrônômicas iniciais.

Figura 5. Agricultura urbana no Centro Cultural de São Paulo (2015)



Fonte: Giulia Giacchè, 2015.

Assim, coadunando com Giulia Giacchè, Gustavo Nagib e Lya Porto²³, já não estamos mais falando, apenas, da dimensão produtiva dos cultivos, mas do seu significado utópico de outra cidade, em que se busca criar outra relação com o verde e a biodiversidade, bem como de estabelecer novos parâmetros de relação entre os cidadãos e com o ambiente urbano, em que a ajuda e a troca de conhecimentos, tão presentes na tradição rural, estejam presentes na expansão da agricultura urbana em suas diversas e variadas faces como mediação necessária para o futuro da sociedade urbana, semeando cidades novas cidades, como se traduz na bela fotografia de um dos momentos de atividade coletiva dos agricultores urbanos de São Paulo (figura 6).

²³ <<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Meio-Ambiente/Agricultura-urbana-ativismo-e-direito-a-cidade/3/33932>>. Acesso em 07/01/2016.

Figura 6. Semeando novas cidades



Fonte: <<http://www.huma.net.br/blog/post/semeando-novas-cidades>>. Acesso em 07/01/2016.

Considerações finais

Encontra-se nos discursos e nas ações de Muda um horizonte utópico de refundação da sociedade pelo meio de novas relações como espaço. Mas nota-se, ao mesmo tempo, que estas relações repousam sobre a amplificação da diversidade dos lugares e dos elos que os habitantes podem tecer com eles. Assim, há uma convergência com as práticas dos novos agricultores urbanos, como ilustradas pelos três casos examinados anteriormente. Encontra-se, assim, entre eles a busca por soluções adaptadas ao contexto local e um esforço análogo de reflexividade pela qual se constroem os lugares e os sujeitos. Existe, portanto, uma porosidade entre as estratégias elaboradas pelos indivíduos provenientes de ambientes sociais diferentes. Embora seja mais potencial que posta em prática, esta porosidade pode se estender a diferentes atores do que chamamos agora de agricultura urbana, como a defesa do verde e da biodiversidade que passa pela valorização das diferenças do lugar.

É neste sentido que a agricultura urbana contemporânea corresponde a uma estratégia heterotópica (no sentido que nós lhe demos). Assim, estamos lidando com uma perspectiva utópica que, paradoxalmente, é baseada sobre a valorização da heterotopia. É por isto que o caso da agricultura urbana, analisado aqui com base no que se passa em São Paulo, mas existente em outros lugares no mundo em gradações diversas, é extremamente interessante. Ele nos revela que não se pode reduzi-lo a uma simples manifestação do pós-modernismo. Este último, de fato, se ele tende a valorizar o local, rejeita as grandes histórias que são as utopias. No entanto, a agricultura urbana estabelece ligações até hoje inéditas entre heterotopia e utopia. É provavelmente nisto que reside sua força e seu poder de atração no seio da sociedade.

Bibliografía

BERDOULAY, Vincent, SOUBEYRAN, Olivier, *L'écologie urbaine et l'urbanisme. Aux fondements des enjeux actuels*. Préface de Marcel Roncayolo (EHESS). Paris: La Découverte, 2002.

BERDOULAY, Vincent, ENTRIKIN, J.Nicholas, “Lieu et sujet. Perspectives théoriques”, *L'Espace géographique*, 27 (2), p. 111-121, 1998. Tradução portuguesa: “Lugar e sujeito. Perspectivas teóricas”. In: MARANDOLA JR., HOLZER, OLIVEIRA (Orgs.), *Qual o espaço do lugar ? Geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 93-116.

CAPEL, Horacio. *La Cosmópolis y la ciudad*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2003.

CHOMARAT-RUIZ, Catherine (Org.). *Nature urbaine en projets*. Paris: Archibooks, 2014.

DONADIEU, Pierre. *Campagnes urbaines*. Versailles: Actes SUD, 1998.

DUCHEMIN, Éric (Org.). *Agriculture urbaine; aménager et nourrir la ville*. Montréal: VertigO, 2013.

DUCHEMIN, Éric. L'agriculture urbaine d'hier à aujourd'hui, en Île-de-France, en France et dans le monde. In: LAGNEAU, Antoine, BARRA, Marc, LECUIR, Gilles. *Agriculture urbaine; Vers une réconciliation ville-nature*. Neuvy-en-Champagne: Le passager clandestin, 2015. Cap. 1, p.13-34.

FERNANDES, Evandro Noro. *Reprodução de pequenos agricultores no espaço metropolizado paulistano; uma análise da porção sul do município de São Paulo*. 2008. Dissertação de Mestrado em Geografia Humana – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, São Paulo, 2008.

FRABETTI, Giancarlo Livman. *A reprodução das formas de apropriação produtiva da terra pelo trabalho familiar a sudoeste da capital paulista; relação cidade-campo no contexto da urbanização da cidade de São Paulo*. 2008. Dissertação de Mestrado em Geografia Humana – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, São Paulo, 2008.

FREUND, Julien. *Utopie et violence*. Paris: Rivière, 1978.

HAËNTJENS, Jean, LEMOINE, Stéphanie. *Éco-urbanisme, Défis planétaires, solutions urbaines*. Montréal: Écosociété, 2015.

HAJEK, Isabelle, HAMMAN, Philippe, LÉVY, Jean-Pierre (Orgs.). *De la ville durable à la nature en ville*. Villeneuve d'Ascq: Septentrion, 2015.

KLANTEN, Robert, EHMANN, Sven, BOLHÖFER, Kitty. *Ma ville en vert*. Tradução do inglês por Gilles Berton. Lettonie: Thames & Hudson, 2011.

MACHADO, Ibirá Perrucci Toledo. *Vivendo da terra em chão de concreto; Considerações acerca da agricultura na metrópole de São Paulo*. 2007. Trabalho de Graduação Individual (Departamento de Geografia/FFLCH/USP), 2007. 134p.

PAYS, Liliane. L'agriculture urbaine, un nouvel imaginaire pour la nature en ville. *In: LAGNEAU, Antoine, BARRA, Marc, LECUIR, Gilles. Agriculture urbaine; Vers une réconciliation ville-nature*. Neuvy-en-Champagne: Le passager clandestin, 2015. Editorial, p.7-8.

SOJA, Edward. *Postmodern geographies*. Londres: Verso, 1989.

TERRIN, Jean-Jacques (Org.). *Jardins en villes; Villes en jardin*. Marseille: Parenthèses, 2013.